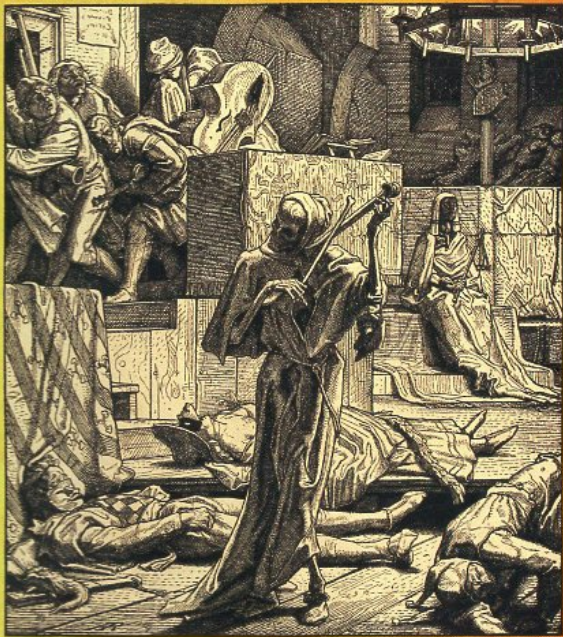


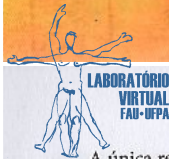
O VÍRUS E A CIDADE

RASTROS DA GRIPE ESPANHOLA NO
COTIDIANO DA CIDADE DE BELÉM (1918)



JOSÉ MARIA DE CASTRO ABREU JUNIOR

EDITORA
Paka-Tatu



A única ressalva, do ponto de vista profilático, foi que, na véspera, os bombeiros jogaram água no trajeto para que as “partículas” não ficassem fluando (ESTADO DO PARÁ, 13 de outubro de 1918, p. 1), atitude bem de acordo com uma das teorias vigentes na época para explicar o contágio de diversas moléstias. Neste início da epidemia, os “costumes em comum”, parafraseando o título da obra de Thompson (2005), ainda prevaleciam.

Nos primeiros dias, o tradicional arraial de Nazaré⁵⁶ parecia ignorar o momento e seguiu com sua programação normal, contando com seus “phantoches”, ventrílocos, e o tradicional pavilhão de Vesta, grande coreto situado no centro do largo, com apresentação dos “Mignons Clowns” (ESTADO DO PARÁ, 21 de outubro de 1918, p. 1). Essa indiferença por parte dos frequentadores do arraial de Nazaré se justifica pela forte tradição do evento, muito arraigado à cultura local, cujas noites representavam um momento de grande circulação e encontro de pessoas oriundas de diversos estratos da sociedade paraense, o que fugia a qualquer controle da diretoria da festa (ALVES, 1980, p. 77).

Tudo transcorria dentro de uma certa normalidade, até que as muito frequentadas barracas do arraial, pontos de venda de bebida e comidas típicas, começaram a fechar por falta de pessoal para trabalhar, pois muitos começaram a adoecer. Do mesmo modo, um espetáculo teatral,⁵⁷ a revista *O Tapioca*,⁵⁸ foi suspenso por ter seus atores acometidos pela Hespânica (ESTADO DO PARÁ, 22 de outubro de 1918, p. 1). Não havendo alternativa, o tradicional arraial de Nazaré culminou com as suas atividades paralisadas (ESTADO DO PARÁ, 24 de outubro de 1918, p. 1), sendo estas retomadas somente em fins de dezembro, quando a epidemia já era declarada extinta. A expansão dos casos de influenza pela cidade já era um fato mais do que concreto.

⁵⁶ O arraial é uma parte dos festejos do Círio, com motivações e oportunidades profanas, originário de uma feira de produtos regionais (MOREIRA, 1971, p. 14).

⁵⁷ Um aspecto do Círio ainda não estudado são seus reflexos nas letras e nas artes. Havia uma verdadeira estação literária motivada por ele e pela festividade, em que não faltavam peças teatrais de autores e atores regionais. Em sua feição popular, pelo menos, o teatro no Pará deve muito à festa de Nazaré (MOREIRA, 1971, p. 18).

⁵⁸ Nesse período, no arraial de Nazaré, apresentavam-se muitos espetáculos teatrais de grupos regionais, dentre os quais destacam-se a revista *O Tacacá*, de Euclides Faria, e *O Tapioca*, de Genaro Ponte Souza (RIBEIRO, 2005, p.110).



PRÁTICAS CULTURAIS E ESTRATÉGIAS NO ENFRENTAMENTO DA EPIDEMIA

3.1 – A morte no cotidiano: rituais religiosos, procissões e enterros

O assédio contínuo da morte disseminou entre os belenenses a angústia e a inquietude dos tempos de peste. De início a cidade até aparentou seguir sua rotina habitual. Mesmo iniciada nos primeiros dias do mês de outubro, a epidemia não chegou a impedir a tradicional procissão do Círio de Nazaré,⁵⁹ que naquele ano reuniu estimadamente 50 mil pessoas (ESTADO DO PARÁ, 14 de outubro de 1918, p. 1). Eidorfe Moreira (1971, p. 5) considera que, pelo fervor e vibração da massa, como também pelas proporções que assume como deslocamento humano, o Círio transcende os aspectos formais de uma procissão, embora, por certas aparências litúrgicas, possa ser considerado como tal.

Para este autor, o Círio é o clímax de uma migração periódica de fundo religioso, que envolve uma fase de peregrinação, com romeiros interioranos que chegam até Belém, e outra fase representada pela procissão propriamente dita, já no âmbito urbano (MOREIRA, 1971, p. 8). Com toda essa dimensão, o evento poderia ter sido considerado uma fonte de aglomeração e disseminação da infecção, entretanto, a imprensa nem cogitou a hipótese de adiar a procissão, a qual ocorreu normalmente no segundo domingo de outubro.

⁵⁹ Para uma leitura ampla sobre o Círio de Nazaré e seu significado no estado do Pará, recomenda-se a leitura de Isidoro Alves (1980) e Márcio Couto Henrique (2016).

O surto da Hespânica não marcou apenas a quadra nazarena daquele ano, mas também a própria figura de Nossa Senhora de Nazaré, que foi, de algum modo, associada à pandemia, ao menos naquelas armadilhas ardilosas da memória, como escreve Halbwachs (2003, p. 31), ao afirmar que, “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes de uma forma material ou sensível”.

Essa combinação de Nossa Senhora de Nazaré com a gripe de 1918, em dado momento, chegou a ultrapassar as fronteiras do estado. Anos depois, em 1934, um diário paulista alardeava que a santa havia “chorado” e deixado a população apreensiva, e na última vez que isso tinha acontecido, logo em seguida “[...] a gripe de 1918 cobriu de luto a população da cidade” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 13 de outubro de 1934, p. 1).

Décadas adiante, esse fato mereceu destaque na obra de Collier (1974, p. 30), na qual o autor se propôs a contar uma história da gripe pelo mundo. Não obstante o Brasil aparecer em várias partes do livro, a cidade de Belém é mencionada somente uma vez, entre os locais em que determinadas manifestações foram interpretadas posteriormente como avisos da chegada da gripe. Collier,⁵⁹ em três linhas, cita a história de um marinheiro que rezava na Basílica de Nazaré e que teria sido o primeiro a ver a imagem de Nossa Senhora da Consolação chorar.

Abre-se a encruzilhada, já que, na Basílica de Nazaré, não há uma imagem de Nossa Senhora da Consolação. É preciso recorrer às fontes para desvendar qual a imagem que teria chorado e se de fato ocorreu algo ao menos similar antes da pandemia.

Voltando aos jornais, as notícias dão conta que, em fins de agosto de 1918, na Igreja de São João Batista, situada no bairro da Cidade

⁵⁹ Richard Collier não esteve no Brasil para a elaboração deste livro, mas mandou cartas a diversos jornais do país, inclusive de Belém, para solicitar às pessoas que viveram o período ou que tivessem informações que cedessem depoimentos, diários, recortes de jornais, fotografias, estatísticas, etc. O material seria devolvido e os colaboradores teriam seu nome citado na parte de agradecimentos de sua obra (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 13 de maio de 1972, p. 10). No final de seu trabalho, Collier agradece a 1.708 colaboradores, os quais denomina “sobreviventes”. Dentre estes, há um certo número de brasileiros, mas nenhum de Belém, ou ao menos nascido em Belém, sendo a história do choro da imagem a única menção que o autor faz sobre a cidade (1974, p. 335-373).

